

Linguagem e Cérebro: Diferenças entre Homens e Mulheres

Jorge Campos -PUCRS

Ana Maria Ibaños-PUCRS

Aqui nos EUA, nos últimos meses, a divulgação de pesquisas sobre a linguagem, por centros de neurociência, tem atraído a atenção de especialistas na área e, até, dos meios de comunicação de massa. O jornal *Washington Post* de 16/02, em primeira página, e a revista *Newsweek* de 27 de março, por exemplo, trazem matérias detalhadas sobre pesquisas recentes que tratam de evidenciar diferenças significativas entre homens e mulheres quanto ao uso do cérebro, mais especialmente em relação à linguagem.

Um desses relatórios científicos refere-se à uma experiência na Escola de Medicina da Universidade de Yale em que Bennett Shaywitz, Sally Shaywitz e sua equipe empregaram um sofisticado recurso, conhecido como "Imagem de Ressonância Magnética" (IRM), que mostra a atividade do cérebro, para examinar as diferenças entre 19 homens e 19 mulheres, desempenhando vários tipos de atividades mentais.

Um dos tipos de testes, para ilustrar a questão na área da linguagem, foi o exame da forma como o cérebro de homens e mulheres trabalha para identificar rimas em palavras sem sentido, como, por exemplo, 'Prem' e 'Lein'.

Em geral, sabe-se que a função da linguagem, especialmente nos destros, localiza-se no hemisfério esquerdo do cérebro, em oposição a funções espaciais da visão concentradas no hemisfério direito, por exemplo. Pois a pesquisa de Yale confirmou isso para a atuação dos cérebros masculinos, mas, surpreendentemente, mostrou que as mulheres, diferentemente, usam um difuso domínio de tecidos em ambos os lados do cérebro, no mencionado teste da linguagem.

Uma das explicações para isso liga-se a outra pesquisa de 1991 na Universidade da Califórnia em que os neuroendocrinologistas R.Gorski e Laura Allen examinaram 146 cérebros de cadáveres e constataram que a parte de trás do "corpus callosum", que liga os dois hemisférios do cérebro, era 23% maior nas mulheres do que nos homens. A sugestão seria de que esta última pesquisa mostra que a comunicação entre os dois hemisférios é mais intensa nas mulheres, esclarecendo, assim, a razão por que o lado direito do cérebro feminino atua mais fortemente do que o masculino na função da linguagem. Isso corroboraria, também, constatações, já mais antigas, de que as mulheres se recuperam mais rapidamente do que os homens de derrames no lado esquerdo do cérebro, no que diz respeito ao uso da linguagem. Ainda nessa direção, talvez se explicasse, também, uma certa crença generalizada de que as mulheres são mais intuitivas do que os homens. A comunicação mais forte entre os dois hemisférios do cérebro nas mulheres permitiria uma relação mais fechada entre a racionalidade do lado esquerdo e as emoções do lado direito. Algumas investigações paralelas de outros pesquisadores estão, inclusive, sugerindo que as mulheres possuem uma maior habilidade generalizada no uso da linguagem, tendo em

vista o enriquecimento emocional que a comunicação mais íntima entre os hemisférios, no cérebro feminino, pode oferecer ao domínio lingüístico.

Evidentemente, tais resultados estão longe de definitivos e apenas estimulam uma linha de investigações interessantes. Para George Deutsch, por exemplo, co-autor da obra "*Left Brain, Right Brain*", os resultados de Yale parecem apenas confirmar a idéia mais geral, já conhecida, de que os homens usam menos o lado direito, sendo o resto, ainda matéria de especulação.

De qualquer maneira, a pesquisa sobre a linguagem encontra-se dentro de um amplo roteiro de investigações, na área da neurociência, que tenta capturar diferenças significativas entre as formas masculinas e femininas de pensar, apesar dos movimentos feministas na direção da igualdade. De fato, quando Raquel Gur, neurocientista da Universidade da Pennsylvania, foi fazer uma palestra sobre a diferença entre o cérebro do homem e o da mulher, recebeu pedidos insistentes de que parasse com o seu trabalho nessa direção, sob pena de prejudicar todo o avanço das mulheres nos últimos 20 anos, especialmente, se fosse constatada alguma vantagem masculina.

Algo que merece ser considerado é a compatibilidade dessas investigações com as teses chomskyanas dos últimos 40 anos no MIT, que sustentam a existência de uma espécie de órgão da linguagem, como parte natural do cérebro humano e que estaria por trás da construção dessa variedade imensa de línguas no mundo. Quando na década de 50, a psicologia behaviorista de Skinner foi atacada pela argumentação devastadora de Chomsky, e o desenvolvimento da computação abria caminho para os estudos mais rigorosos da relação linguagem-mente-cérebro, estava nascendo o conjunto de relações interdisciplinares que, hoje, caracterizam as ciências cognitivas. A neurociência, área recente em que começam a se desvendar os mistérios do cérebro, em seus módulos e funções, é uma herdeira de toda uma história de investigações que o MIT lidera, na área da lingüística, disciplina cujo rigor, graças ao trabalho de Chomsky e seus associados, a identifica como das mais bem fundamentadas no quadro ainda complexo das prestigiadas ciências da cognição.